

# ubianas

## Comemorações de um centenário Sartre entre séculos

Passados 25 anos sobre a morte de Jean-Paul Sartre, o Instituto de Filosofia Prática da UBI relembrou o filósofo francês através de um colóquio que comemora o centenário da data do seu nascimento. Uma iniciativa que contou com a presença de vários investigadores.

Esmeraldina Costa e Filipa Pereira

Professor de filosofia, romancista, e activista político, Sartre representa o ícone dos intelectuais do século XX. De forma a celebrar o centenário do seu nascimento, vários académicos reúnem-se durante dois dias, num colóquio intitulado "Sartre entre séculos" no âmbito dos trabalhos do Instituto de Filosofia Prática (IFP) da UBI.

Reflexões sobre ética, filosofia prática e política foram discutidas, nos dias 5 e 6 de Dezembro, por vários especialistas portugueses, mas também por estrangeiros nomeadamente Philippe Cabestan, um dos maiores especialistas actuais sobre a obra do filósofo.

A ideia de promover este evento advém dos objectos de estudo do IFP que promove trabalhos e investigações nas áreas tradicionais da filosofia prática. A obra de Sartre enquadra-se nestes estudos "pela importância da sua filosofia propriamente dita, mas também como personalidade do século XX" afirma José Manuel Santos, docente no Departamento de Comunicação e Artes da UBI, coordenador do IFP e um dos organizadores deste colóquio. O programa da iniciativa contou com um le-



"Sartre entre Séculos" foi o tema da iniciativa promovida pelo IFP

que variado de temas que visam sobretudo reflectir se os pensamentos de Sartre continuam actuais. André Barata, outro dos organizadores do evento, refere que a iniciativa visou "avaliar a capacidade da filosofia de Sartre para responder

aos desafios do nosso tempo". Sartre foi considerado o filósofo do século XX, facto pelo qual André Barata salienta a importância desta discussão para os alunos de filosofia afirmando que "o objectivo deste como de todos os colóquios orga-

nizados pelo Instituto de Filosofia Prática é sempre familiarizar os alunos com a investigação filosófica tal qual ela se faz". Para tal o evento contou com a presença de investigadores de renome, tais como José Manuel dos Santos, Paulo Alexandre e Castro, Philippe Cabestan, entre outros, com os quais "os estudantes de filosofia tiveram oportunidade de estabelecer contactos", sendo esta uma forma de "conhecerem a sua comunidade filosófica", diz André Barata, podendo também entrar no debate sobre vários temas abordados como "A Actualidade da Consciência Imagenizante em Sartre", "O Problema da Intersubjectividade" e "O Inconsciente em Sartre". Para André Barata estas iniciativas são sempre uma forma de acrescentar prestígio à Universidade "mas mais importante que isso é a UBI saber acompanhar com atenção os problemas candentes a que a filosofia tenta dar resposta".

A psicanálise moderna, a questão judaica ou assuntos sobre o existencialismo, foram conteúdos investigados pelo intelectual francês, sobre os quais os vários especialistas questionam se resistiram ao tempo.

Conhecido por ter recusado um Prémio Nobel, Jean Paul Sartre foi muitas vezes acusado de assumir posições contraditórias e vanguardistas, que lhe valeram muitas críticas. Um século após o seu nascimento, muitos o consideram o Homem do século XX, e "o protótipo do intelectual interventivo na política" sublinha José Manuel Santos.

O IFP realiza assim mais um conjunto de conferências que se enquadra no programa de estudos sobre a filosofia prática. Durante dois dias, a originalidade dos pensamentos de Sartre foi recordada à luz dos problemas da actualidade filosófica perante a comunidade ubiana, principalmente os alunos da licenciatura de Filosofia.

O Instituto de Filosofia Prática é uma unidade de investigação da UBI, apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, e tem como projectos futuros a criação de uma biblioteca especializada nas áreas da filosofia prática, e a formação de investigadores em níveis académicos superiores.

## Religião e Media

# Retóricas do religioso no espaço mediático

Observar as relações existentes entre a religião e os media foi um dos objectivos desta iniciativa. A comunicação é o elemento essencial para a existência do espaço público e na retórica encontra-se a possibilidade de conjugar o religioso com o mediático.

Mayra Fernandes

O colóquio "Retóricas do Religioso no Espaço Mediático", realizado no dia 15 de Dezembro, teve como objectivo principal esclarecer que relações se estabelecem entre a religião e os media e de que modo.

A retórica é a arte de convencer, pelas palavras, uma audiência. Ela só faz sentido se for um discurso público. A religião, desde sempre, usou de retórica para convencer ou converter os fiéis. Hoje, com os meios de comunicação de massas assiste-se a uma ligação muito forte, que não depende apenas das palavras, mas das imagens, do som, da publicidade. A eloquência reside nos mais variados meios que os media possibilitam para persuadir o público. Esta é a máxima que se pretendeu passar neste colóquio, através das comunicações de José Geraldes, docente da UBI, de Frei Bento Domingues, colaborador de opinião do jornal *Público* e de Joaquim Costa, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

Assim, também é necessário um espaço público, o qual "só é possível fundamentalmente por causa dos



No colóquio foi abordada a ligação entre as religiões e os media

media", explicou o docente Paulo Serra, citando Jurgén Habermas. Introduzindo o tema do colóquio o docente e comentador da mesa adiantou que "o religioso tem uma

ligação muito forte com o mediático, dado que a própria Bíblia foi o sinal da vontade de se ver publicitada (no sentido do espaço público) a palavra de Deus para todos os crentes".

### A nova retórica

Para que se entendesse esta relação religião e media, Frei Bento Domingues falou de como foi outrora a retórica nas mãos da religião e de como é actualmente, afirmando que a comunicação "estabelece o que existe e o que não existe" sendo a publicidade "a grande retórica". A nova retórica, que se apoia na publicidade nasceu com os novos movimentos religiosos, "grupos que se apresentam como alternativa às Igrejas cristãs, mais conhecidos por seitas" justificou o colaborador do *Público*, acrescentando que estes grupos pretendem "atingir o aspecto emocional, sem se afastar contudo, da doutrina religiosa, dando azo a uma retórica das paixões, que terá como componente fundamental falar línguas, cantar e rezar alto." A retórica como arte de convencer "nunca esteve tão viva, mas não basta ter o dom da palavra - a salvação é a publicidade", defendeu o mesmo orador, que também apresentou uma panorâmica dos argumentos dos novos movimentos, entre os quais se encontra aquele que parece ser o mais forte, "fazer o que

a Igreja Católica não fez em 2 mil anos". Frei Bento vê a adesão e o sucesso destes movimentos na "sede de experiência de Deus. As religiões dão festas, concedem a vivência comunitária, procura-se uma retórica total e por isso apela-se a tudo. Faz-se uma selecção de textos bíblicos perfeitamente adaptáveis às necessidades da comunidade, sendo necessário convencer a pessoa de que não há outro caminho". O Brasil foi o exemplo apresentado, como país que melhor retrata esse fenómeno.

Tudo o que se faz hoje, o que leva as pessoas a agir é resultado de uma retórica mediatizada. O espaço que a religião encontra nos media é usado numa intenção de atrair fiéis, no caso concreto das novas religiões. Contudo, não se pode dizer que não há um bom uso da retórica, pois "será fraca publicidade aquilo que vender facilmente e logo estancará", defendeu Frei Bento, adiantando que o "criticável na retórica, tanto nos novos movimentos religiosos como nos movimentos das massas é o não haver espaço para a pessoa continuar pessoa".